



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FILOSOFIA NO
ENSINO MÉDIO**

Heloisia Conceição de Lima Fernandes

A DESCONSTRUÇÃO DO ÓBVIO NA FILOSOFIA

Novo Hamburgo, RS
2018

Heloisa Conceição de Lima Fernandes

A DESCONSTRUÇÃO DO ÓBVIO NA FILOSOFIA

Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/UAB), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio**.

Orientador: Carlos Augusto Sartori

Novo Hamburgo, RS
2018

Heloisa Conceição de Lima Fernandes

A DESCONSTRUÇÃO DO ÓBVIO NA FILOSOFIA

Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/UAB), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio**.

Aprovado em 07 de julho de 2018.

Carlos Augusto Sartori, Dr. (UFSM)
(Orientador)

Rogério Fabianne Saucedo Corrêa, Dr. (UFSM)

Bruno Martinez Portela, Dr. (EBECB)

Novo Hamburgo, RS
2018

A DESCONSTRUÇÃO DO ÓBVIO NA FILOSOFIA

THE DEVONSTRATION OF THE OBVIOUSNESS IN PHILOSOPHY

RESUMO

Este artigo discute o papel do Ensino Filosofia para o desenvolvimento da consciência crítica. Apoiando-se em teorias de Filósofos como Platão, Henri Bergson, Martha Nussbaum, Ricardo Timm, entre outros. O objeto principal dessa investigação é a *desconstrução do óbvio*, como atitude de reflexão diante de discursos, que na prática não se concretizam, ou seja, as falsas impressões de familiaridade e de domínio sobre certos temas. A superação de alguns dogmas, ou vícios cotidianos refletiria externamente para o indivíduo e para todos em sua volta, elevando a Educação para outro patamar, voltada ao conhecimento e ao mesmo tempo mais próxima do que eram os objetivos da *Paideia*, ou seja, um projeto de humanização.

Palavras-chave: Filosofia; Educação; Desconstrução; Óbvio; Reflexão.

ABSTRACT

This article discusses the role of Philosophy Teaching for the development of critical conscience. Relying on theories of Philosophers such as Plato, Henri Bergson, Martha Nussbaum, Ricardo Timm, among others. The main object of this investigation is the deconstruction of the obvious, as an attitude of reflection before discourses, which in practice do not materialize, that is, the false impressions of familiarity and mastery over certain themes. The overcoming of some dogmas or daily vices would reflect externally for the individual and for everyone around them, raising Education to another level, focused on knowledge and at the same time closer to Paideia's goals, that is, a project of humanization.

Keywords: Philosophy; Education; Deconstruction; Obvious; Reflection.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de contribuir para uma reflexão teórica no campo do Ensino da Filosofia, o presente artigo analisa o papel da filosofia como questionamento radical do óbvio, e a sua contribuição para o desenvolvimento da consciência crítica. Não se trata de uma Teoria do Conhecimento, ou estudo cartesiano, mas sobre a atividade filosófica e sua principal característica: a desconstrução do óbvio.

A preocupação em formar pessoas com consciência crítica está presente em inúmeros discursos ou teorias da Educação, e tem ganhado ainda mais força no último século, no entanto, ainda precisa ser discutida.

Quando falo de desconstrução do óbvio me refiro à atitude de reflexão diante de discursos, que na prática não se concretizam, ou seja, combater as falsas impressões de familiaridade e de domínio sobre certos conceitos. É condição fundamental para o filosofar que as estruturas de obviedade de qualquer tipo de realidade sejam avaliadas ou até mesmo desconstruídas.

Na teoria de Platão podemos aprofundar melhor a ideia de desconstrução, se entender o que ele quer dizer com ascensão, onde em uma perspectiva filosófica pode ser tida como uma atitude, exercício (*áskesis*) ou purificação (*katharmós*). Assim, enquanto estivermos nesse plano material, ele afirma, o conhecimento apresentar-se-á à alma através do exercício do raciocinar dialeticamente. O caminho da ascensão filosófica é complexo e está intrinsecamente ligado à evolução do conhecimento.

DESENVOLVIMENTO

O pensamento passa por diversos graus de conhecimento até chegar ao conhecimento *noético* ou intelectual, o saber puro. Mas a purificação e a ascensão da *psychê* em Platão há, também, um profundo sentido moral. É um trabalho individual de cada ser humano, resultado de esforço particular de cada um. Logo, cabe a nós, enquanto filósofos e professores de filosofia manter tais questões em debate. Se não podemos chegar à verdade, podemos problematizar o que nos é dado como realidade. Nesse sentido a Educação deveria andar alinhada a filosofia, como Murcho aqui está a falar da importância de um ensino de qualidade.

O ensino de qualidade também: é o que nos faz humanos — seres inteligentes curiosos, perplexos com o universo e com nós próprios, ardentes de conhecimento, que procuram resolver problemas, criar teorias, avaliá-las discuti-las, acrescentar um pouco mais de compreensão a tudo, para podermos morrer ligeiramente menos estúpidos do que nascemos, e para que os que vêm depois de nós possam começar dois degraus acima de nós, na caminhada que nos faz humanos (MURCHO, 2002, p. 17).

O autor ressalta a necessidade da pesquisa no campo pedagógico para aperfeiçoarmos o método de ensino em prol da vida, de pessoas que não deixem alienar pelo sistema, porque isso vai contra a natureza do ser humano, como já dizia um dos filósofos de maior influencia no ocidente, Aristóteles, estamos sempre em busca do conhecimento. E como coloca o professor Ronai Rocha, eis um desafio também da didática!

Temos aqui um desafio da didática da filosofia; de um lado, ela possui temas que capturam com naturalidade a atenção dos jovens; de outro, se esses temas forem mal tratados, resvalarão no ralo de opiniões. A graça da aula de filosofia pode começar por aqui: como tratar de temas complexos e inacabáveis sem cair no dogmatismo? (ROCHA, 2013, p. 44).

O filósofo e professor Ronai Rocha, no seu ensaio *A didática na disciplina de filosofia*, salienta que a didática tem um lado “ciência” e de outro a “técnica”, em prática ela é um instrumento, que também pode ser entendida como uma *práxis*, por tratar-se de uma ação humana que é dirigida ao outro, objetivando a sua autonomia em estabelecer discernimento daquilo que lhe é dado. Essa preocupação na didática da filosofia, também é reforçada por Murcho ao falar das fragilidades do simples fato de estudar pelo estudar.

No mau ensino da Filosofia, o estudante nunca se sente envolvido nas coisas que atrai para os testes e para os trabalhos finais; é capaz de escrever páginas muito acadêmicas sobre Davidson ou Heidegger, mas se, à mesa do café, lhe perguntamos o que realmente pensa sobre tudo aquilo... ou não pensa nada, ou pensa tolices, porque nunca pensou realmente naquilo tudo: limitou-se a fazer um relatório, como eu sou capaz de ler um livro de Medicina do século XVIII e fazer um relatório sobre o que o autor diz, sem nunca me passar pela cabeça se concordo ou não com tudo aquilo (MURCHO, 2008, p. 17).

O aluno precisa sentir-se tocado ou envolvido com os temas, problemas filosóficos, que são trazidos para a sala de aula. Antigamente os propósitos de frequentar a escola eram outros, era ingressar na universidade. Mas os tempos mudaram e hoje a universidade não garante mais sucesso ou um bom emprego. E mesmo se garantisse, não é essa a questão, isso não é mais garantia de realização ou alegria.

Para o filósofo francês Henri Bergson, por exemplo, a finalidade da filosofia é justamente a alegria.

Desse modo, tornar-se-ia complementar da ciência na prática tanto quanto na especulação. Com suas aplicações que visam apenas a comodidade da existência, a ciência não promove o bem-estar, no máximo o prazer. Mas a filosofia já nos poderia dar a alegria.” (BERGSON, 2006, p. 148).

A filosofia traz novidade! Conforme Bergson (2006) tudo está arranjado para nossa maior comodidade, mas nós próprios estamos amoldados à imagem de um universo artificial.

Ricardo Tim em seu ensaio *Sobre a construção do sentido: O pensar e o agir entre a vida e a Filosofia* sobre o ser e o agir, coloca a obviedade como “inimiga mortal” da filosofia, e o rompimento da obviedade é condição indispensável para o início da filosofia.

Ao questionamento de minhas circunstâncias particulares de realidade – ao questionamento dessas circunstâncias como as únicas possíveis, ou seja, ao questionamento de sua obviedade – está condicionada a inauguração de minha postura filosófica, ou seja, como responsabilidade social que se refere a essa ocupação, que não é mais, a rigor, que do meu intelectual como tal; o filósofo é o cientista que se preocupa continuamente em evitar que a inércia do pensamento ocupe o lugar do próprio pensamento (TIMM, 2008, p. 74).

Ricardo Timm de Souza, quer dizer que devemos levar em consideração que aquilo que sabemos, ou melhor, pensamos que sabemos, a rigor deveria depender da nossa capacidade de julgamento, mas infelizmente não é assim, o óbvio parece ocupar, como que automático, a realidade. No entanto, a vida é mais que isso. E felizmente a filosofia consiste em preservar esse fato com lucidez.

O que nos leva a pensar se isso tem alguma relação do porque, hoje, em meio a tantas evoluções tecnológicas, nunca se falou tanto em imaturidade política e social, as pessoas estão “cheias de razão”. Há pouco lugar para a diversidade, para a pluralidade de ideias. E é isso que a filosofia combate, e a escola deveria se preocupar mais em formar cidadãos mais críticos e responsáveis.

Segundo a filósofa Martha Nussbaum (2008), em *“Education for Profit, Education for Freedom”*, o pensamento crítico é crucial para a boa cidadania, em uma sociedade que precisa lidar com a presença de pessoas de diferentes etnias, castas e religiões. Por “pensamento crítico” ela quer dizer que precisamos ter habilidade para pensar bem acerca de uma ampla gama de culturas, grupos, e

nações no contexto de uma compreensão da economia global e da história de muitas interações entre nações e grupo.

De acordo com a autora, só teremos a chance de um diálogo adequado entre fronteiras culturais se, em primeiro lugar, os cidadãos souberem como dialogar e deliberar, e eles só saberão como fazer isso se eles aprenderem a analisar a si próprios e a refletirem sobre as razões pelas quais eles estão inclinados a apoiar alguma coisa em vez de outra – ao invés de verem o debate político simplesmente como uma maneira de vangloriar-se ou obter alguma vantagem para si mesmo.

Capacidades cultivadas de pensamento e reflexão crítica são cruciais para manter as democracias vivas e totalmente acordadas. A habilidade para pensar bem acerca de uma ampla gama de culturas, grupos, e nações no contexto de uma compreensão da economia global e da história de muitas interações entre nações e grupos é crucial para habilitar as democracias a lidarem responsabilmente com problemas que nós atualmente enfrentamos como membros de um mundo interdependente (NUSSBAUM, 2010, p. 10; tradução nossa).

O que a autora quer dizer, é que habilidades relativas ao pensamento crítico devem-se ao objetivo educacional de educar para a cidadania e reconhece que a educação não é apenas para a cidadania, mas argumenta que tal objetivo é fundamental até mesmo para se alcançar outros objetivos desejáveis.

Estas habilidades estão associadas com as humanidades e as artes: a habilidade para pensar criticamente; a habilidade para transcender fidelidades locais e abordar problemas do mundo como um “cidadão do mundo”; e, finalmente, a habilidade para imaginar empaticamente as dificuldades de outra pessoa (NUSSBAUM, 2010, p. 7; tradução nossa).

Neste sentido, a filósofa está a argumentar que é parte do objetivo da educação contribuir não só para o crescimento econômico da nação, mas também para sua estabilidade democrática. Mais tarde em sua literatura, a filósofa presume que o florescimento intelectual é um objetivo da educação e que as virtudes intelectuais facilitam consideravelmente o florescimento intelectual. Logo, entende-se que é uma questão de inteligência fomentar virtudes intelectuais na educação.

Por outro lado, ainda temos um currículo escolar, considerado “antigo” e que por necessidade política ou econômica, acabou limitando ainda mais o conhecimento. Esse modelo de escola que aí está: “escola em seriada”, o saber foi segmentado ao máximo, reduzido a conteúdo e disciplina, mas a compreensão dessa trajetória exigiria um estudo dos contextos cultural, social, econômico de cada

período, o que quero dizer é que infelizmente a educação se distanciou dos objetivos que Nussbaum coloca e porque não, do ideal de formação humana que encontrávamos na *Paidéia*: a elevação do indivíduo a uma excelência, tanto no campo intelectual, quanto ético.

Não que as demais “disciplinas” não sejam responsáveis por desenvolver o senso crítico, mas é porque a principal característica da filosofia é a reflexão e isso reflete externamente para o indivíduo e para todos em sua volta. As ideias tem grande poder, são capazes de mudar o mundo. Nesse sentido, Edgar Morin alerta também para o perigo que as ideias podem significar.

Na realidade, as ideias adquirem consistência como os deuses nas religiões. É algo que nos envolve e nos domina a ponto de nos levar a matar ou morrer. Lenin dizia: “Os fatos são teimosos, mas, na realidade, as ideias são ainda mais teimosas do que os fatos e resistem aos fatos durante muito tempo”. Portanto, o problema do conhecimento não deve ser um problema restrito aos filósofos. É um problema de todos e cada um deve levá-lo em conta desde muito cedo e explorar as possibilidades de erro para ter condições de ver a realidade, porque não existe receita milagrosa. (MORIN, 2000, p. 3)

Dentre os sete saberes necessários à educação, apontados pelo professor Morin, está o conhecimento. Ele aborda problemas específicos para cada um desses níveis, que dizem respeito aos setes buracos negros da educação, completamente ignorados, subestimados ou fragmentados nos programas educativos. Segundo Morin, essas falhas devem ser colocadas no centro das preocupações sobre a formação dos jovens, futuros cidadãos.

Não à toa, que grandes pensadores fizeram história na Educação desde a Grécia Antiga, há quem diga que Platão foi o primeiro pedagogo. Ele previu uma metodologia de ensino que mobilizasse toda a sociedade para formar sábios e encontrar a virtude. A virtude primordial para Platão era justamente o conhecimento, em *A República* o filósofo fala que um espírito deve ser persistente, e através da educação correta conseguirá naturalmente aprender, reavivar memórias e acessar as formas essenciais. “Ora, parece-te que há alguma diferença entre os cegos e aqueles que estão realmente privados do conhecimento de todo o seu ser [...]” (PLATÃO, 2008, 484 d).

Nesse sentido, antes mesmo da religião, a Filosofia já apontava para um ideal de formação humana: a *Paidéia*. O nascimento da *Paidéia*, na Grécia, fez com que a educação passasse a ser vista, sobretudo, como um “projeto de

humanização”(CAMBI, 1999, p. 86), ou seja, a educação agora tinha como principal objetivo preparar para a cidadania.

Essa educação que nasce com os Gregos, sobretudo com Sócrates e seu discípulo Platão, visa cultivar os aspectos mais próprios do humano que há em cada um. Agora a atenção que antes era voltada a natureza, aos seus fenômenos, volta-se quase que exclusivamente para o homem, tendo como plano de fundo o belo ou o sumo bem como fim último. Portanto, foi na Grécia que teve início a chamada História da Educação com o sentido que a nossa realidade educativa atual apresenta.

Assim, prossigo ainda agora nessa busca, investigando, segundo o comando do deus, todo indivíduo, cidadão ou estrangeiro, que julgo ser sábio. Então se não julgo que é, presto assistência ao deus e mostro que a pessoa não é sábia. Devido a essa ocupação, não disponho de tempo para dedicar-me, em qualquer medida, aos negócios públicos ou aos meus próprios, vivendo em meio à grande pobreza devido ao serviço que presto ao deus (PLATÃO, 2008, 23c).

Na *Apologia de Sócrates*, Platão explica aos seus discípulos o motivo das acusações que o levaram ao julgamento. Tendo seus dias dedicados a serviço do deus, em desmascarar os que se diziam sábios, enquanto na verdade não eram. Sócrates se refere à busca da realidade e vê no filósofo legítimo o mais preparado para ir desvendar os mistérios do ser, indo em direção ao que mais ama: a verdade.

Platão inspira-se no método dialético Socrático, que consistia em extrair a verdade das posições contrárias, ou seja, o exercício de contrapor argumentos. A dialética Socrática é constituída por três elementos: A tese, a antítese e a síntese.

Ainda no diálogo *A República*, livro VII, Platão faz uso de imagens, a fim de explicar o seu método, a dialética, em seu movimento ascendente de libertação, segundo ele é através dela que nos liberamos da cegueira para enxergarmos a luz das ideias.

Meu caro Glauco, este quadro – prossegui eu - deve agora aplicar-se a tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão e a fogueira que lá existia a força do sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se tomares como ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a minha expectativa, já que é teu desejo conhece-la (PLATÃO, 2005, 517b).

Platão quer mostrar a Glauco que os prisioneiros na caverna são como nós, muitas vezes acabamos enganados, presos a imagens e a certos conceitos, que não conseguimos enxergar além. Ficando limitados em nosso estreito jeito de pensar.

Os dois movimentos estão presentes no mito, *ascendente* e *descendente*. Descendente quando ele descreve sobre o retorno do prisioneiro para ensinar aqueles que permaneceram na caverna como fazer para sair de dentro dela. “Isso não seria como um jogo se atirar um caco, mas um voltar da alma de um dia que é como trevas para o verdadeiro dia, ou seja, a elevação até a realidade, que diremos ser a verdadeira filosofia” (PLATÃO, 2005, 521c).

No caso daqueles que ainda permaneceram na caverna, podemos interpretar conforme Platão (PLATÃO, 2005, 522a), que esses não devem ter recebido a educação adequada à destinação humana, a *paideía*. Eles precisam mudar o pensamento de direção, direcionar a outro âmbito que não só às coisas materiais para ir em direção as Ideias. Como no diálogo *Mênon*, onde Platão diz que não é possível ensinar a essência das coisas, mas é possível ensinar a procura-las, que os olhos foram feitos para ver e a alma para conhecer.

Ainda sobre o mito da caverna, parece que Platão dá a ideia de que o prisioneiro da caverna não é solto por alguém, mas, o mesmo se solta, por seus próprios métodos, não seria talvez esse o grande ideal educacional da filosofia?

CONCLUSÃO

Emancipar o indivíduo para que em uma perspectiva ideal o próprio possa se desvencilhar dos grilhões da obviedade, lançando-se talvez a busca dos significados e conteúdo que a ele se referenciem. Tal por certo seria uma grande reviravolta educacional. Somos formados como uma casta de “ensinadores”, formados para produzir “replicadores”, a verdadeira novidade da filosofia não seria a exemplo de Sócrates provocar educadores que provoquem e propiciem o questionamento, para não cair na tentação de ensinar história da filosofia ou simplesmente replicar conteúdos.

O Ensino de Filosofia, assim como o ensino de Literatura, Artes, Biologia e assim por diante, tem muito mais importância e beleza do que aquilo que está reduzido aos conteúdos ensinados em sala de aula.

Os objetivos de educação são também os objetivos da Filosofia, como colocado por Nussbaum o objetivo da Educação não poderia ser a Liberdade,

porque esse ponto de vista não é sustentável, e sim o florescimento intelectual e das virtudes.

De fato, penso que faz todo o sentido e atribuo a isso incansavelmente ao valor da filosofia, por desde sempre empenhar-se na busca pelo conhecimento, do bem e do belo. Isso estava implícito ao citar Platão e dessa forma Sócrates, na *Apologia*, ninguém melhor para representar a nossa causa, um homem que dedicou a vida a desmascarar os que se diziam sábios, mas que na verdade não eram. E isso pior do que enganar a outros, é enganar a si mesmo. Para Sócrates, chegar mais próximo da verdade, estava relacionado a conhecer-se a si mesmo.

Concluo dizendo que confirmo minhas impressões de que a filosofia serve para alguma coisa, logo se quisermos uma sociedade diferente, o ensino de filosofia pode ser protagonista e ajudar a formar cidadãos mais virtuosos intelectualmente e moralmente, enaltecendo o valor da reflexão e do pensamento crítico. E ainda como disse Bergson (2006), o modo de pensar das obviedades nos conduz ao conforto e segurança, mas o pensar novíssimo da filosofia, esse poderia nos encaminhar a alegria.

REFERÊNCIAS:

- BERGSON, Henri. **O pensamento e o Movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- MURCHO, Desidério. A natureza da filosofia e o seu ensino. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 27, nº 02, p. 13–17, 2002.
- NUSSBAUM, M. **Not For Profit: Why Democracy Needs the Humanities**. Oxford: Princeton University Press, 2010.
- _____. **Education for Profit, Education for Freedom**. Disponível em <<https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ861161.pdf>> Acesso em 23 de junho. 2018.
- PLATÃO. *Fédon*. **Diálogos**. São Paulo: EDIPRO, 2008.
- _____. **Apologia de Sócrates**. Diálogos. São Paulo: EDIPRO, 2008.
- _____. **A República**. 9ª Edição. Lisboa: Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- ROCHA, Ronai. **A didática na disciplina de Filosofia. Ensinar Filosofia**. Santa Maria: Editora Curso Caxias, 2013.

TIMM, Ricardo. **Sobre a construção do sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia.** São Paulo: PERSPECTIVA, 2008.